timor leste

COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE

PUBLICAÇÃO MENSAL ANO X PREÇO AVULSO: 100$00 Nº 103 AGOSTO 1994

NOVAS RUPTURAS

Ao tornar pública uma proposta para o problema de Timor, o Bispo Belo tomou uma iniciativa que arrastou os restantes intervenientes.

O documento de D.Ximenes Belo sobre a situação em Timor e contendo novas propostas de solução do conflito gerou uma série de tomadas de posição e iniciativas por parte de diversos protagonistas.

O que ficou por esclarecer foram o contexto e os antecedentes próximos desta aceleração da política timorense que terá certamente repercussões no futuro.

À PROCURA DE SOLUÇÕES

Há cerca de dois meses, alguns intelectuais timorenses, entre eles Armindo Maia, vice-reitor da Universidade de Díli, criaram dois novos grupos políticos, um deles denominado *Duc in Altem* e o outro *Sapiente*.

Nessa altura Armindo Maia declarou à Reuters: "*Entre nós, os intelectuais timorenses, chegámos à conclusão de que deveria haver uma forma de sair deste impasse. Se puxarmos muito no sentido de uma posição radical, a Indonésia rejeitar-nos-á. Mas se os apoiarmos* [aos indonésios], *vamos contra os desejos do povo. Por isso temos de encontrar um meio caminho*".

Xanana Gusmão, na defesa que preparou para o final do seu julgamento e que foi impedido de ler em tribunal, dizia: "(...) *reconheço a derrota militar no terreno. Não me envergonho de o dizer (...). Chegou o momento de Jacarta reconhecer a sua derrota política no terreno.*".

A confirmar esta visão, estão os factos. O regime de Suharto acaba de perder mais uma batalha, crucial: a elite timorense, constituída na sua quase totalidade por funcionários da administração indonésia e alguns raros homens de negócios, virou-se contra a política do governo central. Não foi de repente que tal aconteceu. Os sinais foram-se somando ao longo dos anos: as posições de Mário Carrascalão no tempo em que era governador, as tentativas de manter os timorenses em postos de decisão, o apoio de membros da UDT e da APODETI à Resistência.

O massacre de Santa Cruz tirou o véu a uma realidade que se desenvolvia há muito: os timorenses têm duas caras, a da sua verdadeira identidade e a da sua sobrevivência. Nos meses que se seguiram, a repressão abateu-se não só sobre os jovens, mas também sobre elementos do aparelho de Estado e de reconhecida posição social no seio da sociedade timorense.

É a própria Indonésia a lembrar incessantemente o que tem investido em Timor Leste. Esquece-se, no entanto, de fazer o balanço dos resultados.

As estradas para os militares não conseguiram acabar com a guerrilha nacionalista, as escolas para as crianças e para os jovens não transformaram as novas gerações em indonésios agradecidos, os centros de saúde e hospitais não impediram a degradação das condições em que vive a população (de acordo com o relatório do Fundo das Nações Unidas para a População, Timor Leste é a terceira zona do mundo com maior taxa de mortalidade infantil - 150 por mil). São as contradições próprias de uma sociedade colonial.

SOBRE UM BARRIL DE PÓLVORA

O jornalista inglês Hugh O'Shaughnessy, que esteve em Timor Leste há cerca de um mês e meio, escreveu no *The Observer* (14/8/94) sob o título "*Suharto está sentado sobre o barril de pólvora timorense*": "*As forças de ocupação devem lamentar o dia em que introduziram a educação superior em Timor. Mas é demasiado tarde agora para fazer o que quer que seja*".

Referindo-se ao mesmo tipo de fenómeno, o académico indonésio George Aditjondro afirmou que um "*sinal desta mudança de atitude* [dos estudantes e intelectuais timorenses]

neste número:

TL: NOVAS RUPTURAS

CARTA DA MONTANHA

CAMPANHA DE FUNDOS POR TIMOR

foi uma carta assinada por mais de 100 timorenses, no começo deste ano, apelando ao Presidente Suharto para que melhorasse as condições [de vida no território]" (Reuters, 26/7/94).

Alguns acontecimentos recentes contribuíram para radicalizar as posições: o episódio da nomeação do *bupati* [administrador] de Viqueque (numa das regiões mais sensíveis, as autoridades coloniais impuseram um indonésio, contra a vontade da população), a multiplicação das provocações de natureza religiosa num contexto agravado pela contínua invasão de civis e militares indonésios e a repressão sobre os estudantes da Universidade de Díli.

O que já se sabia foi claramente assumido: o próprio governador, Abílio Osório, fez tudo quanto podia (sem o conseguir) para impedir a nomeação do *bupati* de Viqueque e Armindo Maia e Manuel Carrascalão defenderam publicamente os estudantes, desafiando o poder militar.

O Bispo Belo esclareceu que tinha elaborado este último documento a pedido do Governo indonésio. E promete: "*O documento da Igreja Católica de Timor Leste sobre a situação actual em Timor Leste, particularmente o ponto sobre uma solução para a questão de Timor Leste, será elaborado de uma forma contínua. Este não é o último documento*". Também ele sente que o momento é propício ao avanço das posições nacionalistas e de tal forma que, mesmo contra o parecer do Vaticano, toma a iniciativa e coloca-se em lugar de destaque.

Todos sabem, afinal, que a situação na Indonésia está cada vez mais instável e que Timor atingiu uma notoriedade internacional nunca antes imaginada.

MILITARES RESPONDEM À INICIATIVA

Conscientes deste novo quadro, e porque as próprias relações de poder na Indonésia estão sujeitas a grandes pressões de mudança, algumas figuras militares com ambições a entrarem na corrida para a sucessão de Suharto, resolveram, também elas, tomar a iniciativa.

Foi o caso do Coronel Prabowo, genro do Presidente indonésio, um homem em rápida ascensão na hierarquia militar, que se deslocou a Díli para se encontrar com o Bispo Belo, o governador Abílio Osório e outros notáveis da sociedade timorense.

Segundo a *Reuters* (19/8/94), a proposta do Coronel seria a de uma autonomia reforçada, podendo a população do território escolher "livremente" o governador e os membros dos concelhos locais.

A equipa indonésia teria sido chefiado pelo segundo comandante militar de Timor Leste, o Coronel Kiki Syahnnakri, e a iniciativa seria uma resposta à tomada de posição pública de Mons.Belo.

Ainda de acordo com o citado despacho da *Reuters*, a equipa reportaria directamente os resultados do encontro ao Presidente Suharto.

Se bem que a proposta não seja inteiramente nova - ela já tinha sido ventilada noutras ocasiões - contém, no entanto, ao que julgamos, dois elementos novos: *primo*, partiu dos militares; *secondo*, contém uma primeira aproximação ao conteúdo político dessa autonomia. Nesta perspectiva, representa um reconhecimento crescente de sectores do poder em Jacarta quanto à necessidade de se fazerem concessões políticas para se conseguir chegar a uma solução do problema.

E Benny Murdani, que foi um homem muito próximo de Suharto tendo chegado a Ministro da Defesa no anterior governo depois de ter sido Chefe da ABRI, embora nos últimos tempos tenha vindo a perder alguma da sua influência, também não tem estado parado neste campo, não sendo ainda, no entanto, completamente claros os contornos da sua intervenção.

A luta em tôrno da sucessão de Suharto, agora que o velho ditador começa a dar sinais de ter os primeiros achaques, promete passar, também, por Timor.

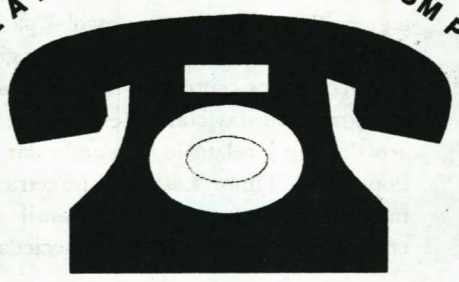
CAMPANHA DE ANGARIAÇÃO DE FUNDOS POR TIMOR

• Sabia que, desde 1975, já foram mortos mais de 200.000 timorenses, cerca de 1/3 da população total deste território?

• E que a Indonésia, responsável por este genocídio, continua a ignorar resoluções da O.N.U. que declaram Portugal a potência administrante de Timor - Leste?

• E que os timorenses sobreviventes vivem em condições sub-humanas no seu próprio território, sem direito a auto-determinação?

AJUDE A FAZER A LIBERDADE DE UM POVO!



LISBOA e PORTO (506)
Resto do País (0670)
977777

– Valor aproximado de utilização por minuto: 490$00 –

O SEU TELEFONEMA SERÁ A SUA CONTRIBUIÇÃO

"SÓ TENHO ISTO A DIZER"

Uma carta vinda da montanha dá conta das difíceis condições da luta de guerrilha e da determinação daqueles que estão empenhados nela.

"Por este meio dou a conhecer (...) que não consegui cumprir conforme o que te escrevi na carta anterior sobre o encontro pessoal com KM a fim de vermos em conjunto sobre o tal pedido e apresentar as propostas (...), por ter o IN (...) [assaltado] *a base do grupo do November nas faixas de Loikero - Kiulai, quando estava ainda ali, para enviar a carta do (...) e orientar os amigos (...) e esperar pelos dias da ligação.*

Como consequência deste assalto o irmão Nov. foi atingido e morto mesmo dentro da base, Bere foi atingido por uma bala no braço, a ferida ficou grave mas dizem que ficou curado e largou a mauser do Sabino, conforme informação do Sabino, mas não encontrei o Bere para saber a verdade, assim perdemos duas mauser, a do November e do Bere.

Eu fui atingido por três balas: na palma direita, mas não foi grave, uma na costela esquerda, mas também não é grave, e uma nas minhas duas coxas incluindo um dos meus testículos (...). Esta é que foi grave e já lá vão 40 e tal dias mas continuo a ter dificuldades em andar.".

O PERIGO DA MORTE

"Os outros companheiros saltaram como paraquedistas e como consequência Sabino saltou mal e deu com a cabeça contra uma pedra e ficou morto. O irmão Hadomi saltou atrás dele, virava o Sabino para ambos os lados mas já não mexia, então seguiu para o encontro. Já depois de os palermas [os indonésios] *saírem da base é que reviveu e foi para o encontro no dia seguinte.*

O Mate Moris escondeu-se dentro da base e os palermas abandonaram a base e então é que voltou outra vez à base esconder outros artigos que os palermas não destruíram e depois é que foi ao encontro.

Eu fui atingido quando estava para descer numa escada de pau. Mas os palermas já ocuparam primeiro e atiravam primeiro com as rajadas e consegui voltar para cima sem sofrer nenhuma bala e esquivei um bocado e responder aos tiros deles e já na minha retirada é que um grupo ao lado localizaram-me e fui atingido.

Consegui sair desta difícil situação e subir para cima pela rectaguarda de uma outra frente que veio ocupar o caminho da base em cima. Como sentia o perigo de morte por ter sangue (...) por todos os lados, então resolvi em tomar outra direcção (...) e esforcei-me em chegar mesmo mas o sangue é que continuava a sair (...).

Quando cheguei ao tal sítio é que rasguei a minha calça para atar as feridas. Depois de ter feito, perdi todo o meu sentido e já sem forças portanto, meio morto por assim dizer, depois de 50 minutos é que senti de novo um pouco e andei mais um bocado para uns 20 metros. E dali é que não pude andar mais nem para a frente nem para trás. No dia seguinte fiquei de novo a perder todo o sentido ou a sensação por não comer e beber, aliado com a perda de sangue.

E estive ali sozinho durante dois dias, sem isqueiro e comer. E as moscas aproveitaram a oportunidade para pôr ovos e bichos livremente. Noutro dia seguinte é que senti um bocado de comer e andei com as mãos para tirar as folhas do caileuro *e consegui comer uma palma cheia. E dali é que lembrei a caixa* [de "correio"] *e escrevi a minha situação para indicar o lugar onde estava.*

Foi assim é que os irmãos Hadomi, Sabino e M. Moris vieram visitar esta caixa por não apanharem os outros no encontro, porque tomaram a direcção para a faixa Sul. Assim que eles chegaram à caixa (...) vieram ao meu encontro e deram-me apoio em todos os aspectos (...).

Durante vinte dias estive só deitado no mesmo local e depois de 26 é que esforcei-me (...) para áreas de Selero por causa do comer. Como não tínhamos etehasa *para curar e queria mandar o Hadomi e M. Moris para a direcção do trabalho mas o problema é ninguém conhece o caminho de Loikero (...).*

E assim ficámos à espera de outros que sabem mas só no dia 2 Mar é que encontraram-nos. Mas por causa dos documentos e as tuas ideias como propostas para KM estudar mandei de novo os dois para apanhar a ligação do dia 8 de Mar. E só no dia 19 é que voltaram de novo e fiz este bilhete. (...).".

COM DIFICULDADES

"Quanto à situação estou só à espera da ligação e o regresso destes porque estive isolado desde dia 6 de Fev até este dia 21 de Mar por isso não posso dizer nada. Só ouvi dizer que em (...) o Núcleo sofreu uma surpresa em que morreram dois irmãos (...). Esta surpresa deu-se no dia 16 de Janeiro.

Através deste meio peço ao irmão para me arranjar alguma penincilina, adesivo para curar as feridas, porque já lá vão 45 dias mas a coxa direita por onde a bala saiu ficou ainda grave e o testículo (...) não conseguiu entrar de novo para o seu lugar.

Isto porque na altura perdi totalmente toda a sensação não lembrei-me em meter e coser. E só já no dia 8 é que pensei em meter mas já ficou todo inchado, só para pegar doía muito.

Agora já diminuiu um pouco (...). Ando já um pouco mas só dentro da base (...).

A palma já ficou curada mas ainda tenho dificuldade em pegar ou apertar uma coisa.(...).

Recomenda este meu pedido ao (...) para arranjar-me penincilina e duas botilhas, uma para mim e outra para Hadomi, e pilhas para rádio e algum comer porque estou só pele e osso.

Nós os dois levámos todas as coisas menos as botilhas, do Hadomi ficou também a esteira e oleado. Os irmãos Bere, João, M. Moris, Mário e Mau Telis é que levam as mochilas. Os três conseguiram levar tudo sem deixar nada. (...).

E só tenho isto a dizer e peço por tudo e estou escrevendo deitado e com dificuldades na palma da mão. (...).".

COM. DESCOLONIZAÇÃO: MUDANÇA DE TÁCTICA?

Em 13 e 14 de Julho, na sede das Nações Unidas em Nova Iorque,

o Comitê de Descolonização reuniu-se na sua sessão anual para debater, uma vez mais, a situação de Timor Leste, que continua a ser incluído na sua agenda enquanto território não autónomo.

Estiveram presentes este ano 34 peticionários, entre os quais os representantes das organizações políticas timorenses - Constâncio Pinto pelo CNRM, José Luís Guterres pela Fretilin e Francisco Nicolau pela UDT - e elementos de ONG e de defesa dos direitos humanos.

A sessão contou ainda com a participação dos Parlamentares por Timor Leste (PET), através de Ingela Martensson, membro do parlamento sueco que, tendo tido a oportunidade de visitar o território no ano passado, pôde dar o testemunho vivo da opressão colonial indonésia sobre os timorenses. Jonathan Birenbaum leu a declaração da congressista democrata norte-americano Nita M. Lowey, que afirmou a dado passo: "*Tem de se fazer reconhecer à Indonésia que os direitos dos timorenses, e os dos seus próprios cidadãos, não são matéria negociável. Só um referendo entre os próprios timorenses pode determinar legitimamente o seu estatuto*". Estiveram igualmente presentes quatro deputados portugueses.

Outra presença a destacar foi a de Maureen Tolfree, irmã de um dos cinco jornalistas assassinados em Balibó em 16 de Outubro de 1975.

O facto novo veio, porém, do lado indonésio. Pela primeira vez, a Indonésia fez subir ao palco desta Comissão três "advogados" seus timorenses, nas pessoas de Francisco Xavier do Amaral, José Martins e Paulino Gama. Embora não tendo dito nada de original - limitaram-se a reproduzir as habituais acusações de Jacarta ao colonialismo português e à acção da Fretilin nas vésperas da invasão - a sua presença parece indicar um outro posicionamento táctico, mostrando que a Indonésia reconhece que todos os palcos são terrenos de confronto que ela não pode abandonar aos adversários, mas onde tem que os combater com as armas que tem. Mesmo que sejam apenas "canhangulos"....

CGI: NEGÓCIO É NEGÓCIO

Em 7 e 8 de Julho decorreu em Paris, sob a égide do Banco Mundial,

a reunião anual do *Consultative Group on Indonesia* (CGI). O CGI, recorde-se, é um consórcio doador internacional para financiamento de projectos na Indonésia formado por vários Estados do "Norte" - da UE só Portugal e a Grécia não fazem parte - e 10 agências multilaterais, entre as quais, para além do Banco Mundial que preside, se incluem o FMI e o PNUD.

O Consórcio decidiu dar uma ajuda financeira à Indonésia de 5,2 biliões de dólares americanos, ligeiramente superior ao montante do ano passado que foi de 5,1 biliões.

Para o regime de Jacarta estes fundos constituem uma fonte de divisas de importância crescente, tanto mais vital quanto cresce o seu serviço de dívida (50% nos últimos cinco anos). Esta dependência poderia fragilizar as posições indonésias na arena política internacional se os Estados que compõem o CGI se dispusessem a explorar essa fragilidade.

Este é, sem dúvida, um dos testemunhos mais evidentes do padrão de duas bitolas com que se regem as nações "ocidentais" - por um lado, fazem votos para que a Indonésia ponha fim às suas constantes violações dos direitos humanos e, por outro lado, nada fazem para realmente pressionar Jacarta nesse sentido.

É por mais evidente que o CGI não submete a sua ajuda financeira à Indonésia a qualquer condição humanitária, embora países membros deste consórcio tenham políticas oficiais que condicionam tal ajuda à melhoria da situação dos direitos humanos, como é o caso da União Europeia, do Japão, dos Estados Unidos da América e do próprio Banco Mundial.

Na conferência de imprensa dada pelo Banco Mundial no fim da reunião o que houve para declarar foi que a Indonésia exigia um "*empenhamento renovado*" dos seus doadores, tratando-se de um país que foi reconhecido como tendo obtido "*um dos melhores registos em matéria de desempenho económico e de redução da pobreza de entre os países em vias de desenvolvimento*".

Mas aquilo que os doadores não fizeram, fizeram-no umas dezenas de cidadãos de várias associações - de solidariedade, humanitárias, sindicais, religiosas, empenhadas na campanha "Quatro Meses por Timor Leste" para divulgação da situação em Timor - que se concentraram à porta do local onde decorreu a reunião, lembrando a todos os que passavam as práticas do regime indonésio naquele território.

FILIPINAS: PONTO DE PARTIDA

Na sequência da polémica Conferência de Manila, que veio dar

um novo impulso à solidariedade com a causa timorense na região da Ásia-Pacífico, teve lugar no passado dia 27 de Agosto o lançamento formal da *Philippine Solidarity for East Timor and Indonesia* (PSETI) com a realização da sua primeira Assembleia Geral.

A Assembleia, que contou com a presença de muitos activistas e observadores, aprovou um plano de acção e adoptou formas organizativas para o implementar.

Também no Sri Lanka, durante a Conferência Mundial dos Trabalhadores Sociais que ali teve lugar entre os dias 9 e 13 de Julho, foi aprovada uma resolução de apoio ao direito à autodeterminação do povo timorense e subscrevendo, explicitamente, o documento final saído de Manila.

DIRECTOR: António Pinto Pereira PROPRIETÁRIO: Comissão para os Direitos do Povo Maubere SEDE: R. Pinheiro Chagas, 77-3º E, 1000 Lisboa, Tel.: 352 8718, Fax: 353 4009
E-mail: cdpm@gn.apc.org IMPRESSÃO: Grafis, Coop. de Artes Gráficas TIRAGEM: 1.000 ex. ASSINATURA ANUAL: 1.500$00 REGISTO DGCS nº 112094 DEP. LEGAL: nº 25317